

**GRAJAHÚ TENNIS CLUB NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DO
GRAJAHÚ, A “COPACABANA MODERNA” (1925 – 1937)**

Recebido em: 28/01/2025

Aprovado em: 23/05/2025

Licença: 

*Bruno Adriano Rodrigues Silva*¹

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-0772-2503>

RESUMO: o artigo parte de um problema atual, a perda do espaço social por clubes de bairro e tem como objetivo examinar o Grajahú Tennis Club, localizado no Grajaú, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, tendo em conta a suas práticas esportivas, sociais e as que diziam respeito a sua instalação entre os anos de 1925 e 1937. Partimos do pressuposto de que o espaço condiciona a ação humana para examinar de modo serial periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Concluimos que foram as condições materiais, as pessoas que desenvolviam as suas práticas no espaço urbano que levaram o Grajahú a ser um destacado club na cidade, o que reforça o papel das elites na construção histórico social dos clubes esportivos.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Clube esportivo. Espaço urbano.

**THE GRAJAHÚ TENNIS CLUB IN THE PRODUCTION OF THE URBAN
SPACE OF GRAJAHÚ, THE “MODERN COPACABANA” (1925 – 1937)**

ABSTRACT: the article starts from a current problem, the loss of social space by neighborhood clubs, and aims to examine the Grajahú Tennis Club, located in Grajaú, in the northern part of the city of Rio de Janeiro, taking into account its sports and social practices, as well as those related to its Installation between 1925 and 1937. We start from the assumption that space conditions human action to examine serially periodicals available in the Digital Newspaper Library of the National Library. We conclude that it was the material conditions, the people who developed their practices in the urban space that led Grajahú to become a prominent club in the city, which reinforces the role of the elites in the historical and social construction of sports clubs.

KEYWORDS: City. Sports club. Urban space.

¹ Professor de Educação Física (UFRJ); Mestre em Educação (Unirio); Doutor em Educação (UFRJ).

Introdução

"Os clubes de bairro vivem uma situação complicada, e é preciso buscar soluções para que possam se reerguer. Todos os poderes deveriam participar desse processo de recuperação", disse o vereador da cidade do Rio de Janeiro, Rafael Aloizio de Freitas, residente no bairro do Grajaú, zona norte da cidade, sobre a situação que passava o Grajaú Tênis Club em 2019, quando completava 94 anos, acometido por uma dívida trabalhista que quase o levou a ser leiloado, precisando da intervenção municipal que, primeiramente decretou (n. 37.528 de 2013) o tombamento da sua sede social e depois a desapropriou, a fim de que o poder público municipal tivesse prioridade na aquisição do imóvel².

Esse tem sido um problema recorrente na cidade do Rio de Janeiro, em especial nas áreas urbanas onde há maiores possibilidades de especulação imobiliária. Mais recentemente outras agremiações que em outrora funcionavam como importantes espaços de sociabilidade fecharam suas portas, caso da Associação Atlética Vila Isabel³, do Esporte Clube Maxwel⁴, ambos em Vila Isabel, e mesmo de outros bairros da cidade⁵.

Com vistas à construção da história de agremiações esportivas do Rio de Janeiro e mesmo no sentido de entendê-las no espectro do desenvolvimento urbano, o artigo tem como objetivo examinar a trajetória do Grajahú Tennis Club, localizada no bairro do Grajaú, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, tendo em conta a suas práticas

² Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/06/19/prefeitura-decreta-desapropriacao-e-estabelece-que-clube-no-grajau-rio-e-de-utilidade-publica.ghtml>. Acesso em 27 jan. 2025.

³ Disponível em: <https://historiadesporte.wordpress.com/2020/09/10/associacao-atletica-vila-isabel-70-anos-de-historia-adeus-ou-ate-logo/>. Acesso em 27 jan. 2025.

⁴ Disponível em: <https://www.meiahora.com.br/geral/2023/07/6672609-apos-fechamento-em-2017-predio-do-esporte-clube-maxwell-em-vila-isabel-esta-abandonado.html#foto=1> Acesso em 27 jan. 2025.

⁵ Disponível em: <https://diariodorio.com/a-decadencia-dos-clubes-de-bairro-nos-suburbios-da-cidade-do-rio/>. Acesso em 27 jan. 2025.

esportivas, sociais e as que diziam respeito a sua instalação no bairro entre os anos de sua fundação em 1925 e 1937, momento em que definitivamente adquiriu o espaço para acomodação de sua sede.

Partimos do pressuposto de que o espaço condiciona a ação humana. A ideia (filosófica) de totalidade é o que conduz as interpretações sobre as mudanças nas funções da sociedade, cujas realizações ocorrem “onde as condições de instalação se apresentam como melhores”, cumprindo um papel “exclusivamente funcional”, mas que tem correlação com mudanças que “abrangem a sociedade total, isto é, o Mundo, ou a Formação Socioeconômica” (Santos, 2006, p. 74).

A “produção do espaço” tem por tendência dominar a prática social, “ela corresponde às forças produtivas”, por suposto, o “emprego das forças produtivas e das técnicas existentes” por grupos ou classes sociais organizadas em um “quadro institucional” que é capaz de intervir em uma (grande ou pequena) escala geográfica, considerando inevitavelmente suas “ideologias e representações, sobretudo representações espaciais” (Lefebvre, 2005, p. 139).

Nesses termos ditos acima o “espaço social é um produto”, que deve ser interpretado de modo relacional, o espaço no tempo, sendo que o primeiro “representa simultaneidade, a ordem sincrônica da realidade social” e o segundo “denota a ordem diacrônica e, assim, o processo histórico da produção social”. São destacados os “seres humanos que entram em relações entre si por meio de suas atividades e práticas” (Schmid, 2012, p. 3).

As nossas atividades de estudos e pesquisas, portanto, são realizadas no domínio do esporte, que é praticado no espaço (de modo sincrônico) e no tempo

(diacronicamente), considerando a dimensão social dos objetos empíricos em destaque, no caso os clubes esportivos (Barros, 2004).

Nessa ótica, as fontes de pesquisa, os periódicos que circularam no período em tela, disponíveis no acervo digital da Biblioteca Nacional, foram consideradas como testemunhos e discursos produzidos em uma época, para serem abordadas de modo serial, isto é, “com algum nível de homogeneidade, e que se abram para a possibilidade de quantificar ou de serializar as informações ali perceptíveis com o intuito de identificar regularidades” (Barros, 2004, p. 147).

Ao lançar outro olhar para a trajetória do Grajahú Tennis Club, portanto, esperamos contribuir com a compreensão histórica do esporte na cidade do Rio de Janeiro, considerando que outras pesquisas sobre clubes nos bairros já foram realizadas, a saber: Tijuca (Silva, 2022), Irajá (Melo; Raposo, 2021) Olaria (Melo, 2020), Ilha do governador (Melo, 2021), Zona da Leopodina (Melo, 2020), Vila Isabel (Silva; Melo, 2022) Lagoa (Melo, 2022) e Barra da Tijuca (Melo; Santos, 2021).

O Bairro do Grajahú, o Grajahú Tennis Club e suas Práticas Sociais e Esportivas para a Instalação no Espaço

A cadeia de serras que formam o Maciço da Tijuca está localizada entre as regiões sul, norte e oeste do Rio de Janeiro. Durante o século XVI foi fonte de recursos naturais (água, carvão, lenha e madeira, principalmente) para o desenvolvimento da cidade. No século XIX grande parte da sua floresta foi derrubada para dar lugar ao cultivo do café e essa degradação histórica ocasionou uma crise hídrica sem precedentes na cidade que fez com que ainda naquele século houvesse a preocupação com reflorestamento do lugar (Sales; Brito; Guedes-Bruni, 2024).

O Grajaú ficava na serra da Tijuca. Era uma das encostas na face voltada para a zona norte da cidade, onde, no século XIX, estavam sediadas três fazendas, uma delas era a Murumby (ver a figura 1 elipse preta) que, em 1884 pertencia à família de Jhon Rudge, quando foi partilhada entre a Matriarca, D. Maria Maxwell Rudge e seus filhos, Guilherme e Eduardo (conforme podemos verificar na elipse preta na figura 1) (Cardoso, 1989).

Figura 1: Planta da cidade do Rio de Janeiro (1875)



Fonte: Garriga, 1875.

As frações pertencentes à D. Maria e Guilherme foram vendidas para o grande proprietário fundiário, Sebastião de Pinho que, em 1886, repassou as terras para a Empresa Industrial Brasileira, sendo que apenas em 1912, tais terras foram adquiridas pela Companhia Brasileira de Imóveis e Construções. A fração pertencente a Eduardo Maxwell Rudge seguiu sobre sua posse até 1922, quando veio à óbito, como não tinha filhos, sua parte foi repassada para vinte e sete herdeiros paulistas que, em 9 de abril de 1924 as venderam para a mesma Companhia Brasileira de Imóveis responsável pelo loteamento do espaço (Cardoso, 1989).

Certamente que o desenvolvimento dos meios de transporte na cidade, em especial a partir de 1868, contribuiu sobremaneira para a mudança de percepção fundiária sobre o que viria a ser o Grajaú. O Rio de Janeiro no século XIX era estratificado, um núcleo não residencial na região central da cidade, onde figuravam as atividades comerciais, os cortiços, além de outras construções das classes sociais menos favorecidas da sociedade carioca (Abreu, 1987).

A região da zona sul, margeada pela Baía de Guanabara, principalmente a Glória, Catete e Botafogo, onde residia a burguesia citadina, estruturada principalmente pelo serviço de bondes. E os subúrbios da zona norte do Rio de Janeiro, já preenchidos pela estruturação da estrada de ferro D. Pedro II a partir de 1871 e mesmo pelos serviços de bondes responsáveis pela transformação daquele espaço rural em urbano (Abreu, 1987).

Mesmo a infraestrutura, como calçamento, saneamento, construção de casas e estabelecimento comerciais, caso do bairro de Vila Isabel, projetado em 1873, que margeava o Grajaú (indicado pela seta branca na Figura 1), por exemplo, esteve atrelado ao desenvolvimento dos transportes (Abreu, 1987).

Nesse ponto, chama a atenção a vinculação da produção do espaço urbano carioca ao capital de origem francesa (Mauro, 1999). Foi assim no Grajaú, uma vez que a Companhia Brasileira de Imóveis e Construções, criada em 5 de setembro de 1911, tinha como sócias majoritárias duas sociedades anônimas francesas que detinham 80% do seu capital, a Caisse Commerciale et Industrielle de Paris, representada no Brasil pelo Barão Amedée Reille e a Societé Immobilière du Seine & Seine Oise, aqui representada por Antônio Eugênio Richard Júnior e Mareei Bouiloux Lafont, ambos vinculados ao Crédit Foncier du Brésil et de l' Amerique du Sud, um banco francês

fundado em 1906 para financiar operações, inclusive imobiliárias (Abreu, 1987; Cardoso, 1989).

Mareei Bouiloux Lafont nasceu em 1872 em Angoulême na França. Formado em advocacia, com especialidade em Direito Internacional, herdou de sua família o Banque Bouilloux-Laffont Frères etCie. Suas primeiras visitas ao Brasil foram em 1906, quando ocorriam as reformas de Pereira Passos na cidade (Mauro, 1999). Antônio Eugênio Richard Júnior, nascido no Maranhão, na cidade de Grajahú em 1873, era Engenheiro formado pela Escola Militar do Brasil (Correio da Manhã, 1902). Em 1912 foi reformado como Capitão de Engenharia (O Paiz, 1912), momento em que intensificou suas atividades no ramo imobiliário.

A articulação da Companhia Brasileira de Imóveis e Construções com a Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud viabilizou que segmentos das camadas médias da população carioca, um mercado ainda restrito, financiassem suas aquisições imobiliárias. A companhia vendia terrenos à vista ou a prazo, entre cinco e dez anos, com ou sem a construção do imóvel que também poderia ser financiado. Era sim um negócio lucrativo para uma empresa que tinha como objetivo a extração de uma renda fundiária e que paulatinamente foi ampliando os seus negócios no Rio de Janeiro até abrir seu capital na Bolsa de Valores (Cardoso, 1989).

Nesse contexto, mais precisamente de 24 de outubro de 1913 o primeiro plano urbanístico para o loteamento do bairro do Grajaú foi lançado (elipse preta na figura 2). A ideia inicial era construir doze ruas e duas praças, contando com as frações de terra de Eduardo Maxwell Rudge adquiridas apenas em 1924, para que as obras dos largos arruamentos, dos loteamentos com testadas largas (entre 10m e 12m), instalação de infraestrutura de água, calçamento das ruas que seriam ajardinadas e edificação das

residências pudessem ocorrer. A intenção era mesmo criar um bairro residencial voltado para uma elite na zona norte, local ainda marcado por velhas construções e diversas fábricas, como ocorria nos bairros do Andaraí (elipse branca na figura 2) e Aldeia Campista (elipse azul na figura 2) (Cardoso, 1989).

Figura 3: Planta da cidade do Rio de Janeiro (1913)



Fonte: Rio de Janeiro, 1913.

A primeira rua aberta no Grajaú foi a “rua Grajahú”, antigamente conhecida como a “rua sete” (Relatório, 1911), onde em 1918 foi erguida uma capela em homenagem à Nossa Senhora Imaculada da Conceição (O Paiz, 1918), por obra de Francisco Antônio Tricárico, um dos primeiros residentes no local, arquiteto de origem italiana, empregado da Companhia Brasileira de Imóveis e Construções, com vínculos importantes com Mareei Bouiloux Lafont, um dos principais acionistas daquela empresa fundiária (Revue Franco-Bresilienne, 1909).

O Grajaú era um lugar “aprazível”, dotado de “lindas habitações”, cortado por “boas vias” e confortáveis armazéns para toda sorte de negócios. Tinha uma gente de “destaque social e afeita a grandes empreendimentos” (O Jornal, 1926, p. 32).

Figura 4: Propaganda da Companhia Brasileira de Immoveis e Construcções, com vista da Rua Grajaú em 1925

28 *Careta* 21-2-1925

EMPREGUE
suas economias em UM LOTE DE TERRENO comprado a longo prazo e terá as seguintes vantagens:
a possibilidade de construir sua casa;
um juro compensador, representado pela valorização sempre crescente, do terreno;
a economia mensal de uma determinada quantia (prestação) que redundará em seu proveito próprio.

Rua Grajaú — Andaraí — Aberta, calçada e construída pela Cia.

Companhia Brasileira de Imoveis e Construcções
Sociedade anonima — Capital 6.000.000\$000
Terrenos nos melhores bairros do Rio
IPANEMA — LEBLON — MUDA DA TIJUCA — AVENIDA RUY BARBOSA (Morro da Viuva) CAES DO PORTO — ANDARAÍ — JOCKEY CLUB — MEYER etc.
48, Avenida Rio Branco

Fonte: Careta, 1925.

Havia uma demanda por sociabilidade no bairro que então era edificado, pois, esse era um processo comum no Rio de Janeiro que, desde meados do século XIX começava a experimentar uma “melhor conformação de um mercado de entretenimentos, processo que se relacionou a um conjunto de mudanças do cenário nacional que incidiram diretamente no cotidiano da capital” (Melo, 2020).

Tanto é assim que em 1921 uma primeira agremiação esportiva foi criada, o Grajaú Football Club, a partir da reunião de amadores para prática do esporte bretão (Correio da Manhã, 1921) que, naquele contexto, estava espalhado por toda a cidade do

Rio de Janeiro organizado por diferentes ligas e praticado em diferentes estádios que movimentavam o público (Santos, 2010).

Nos bairros vizinhos, já havia clubes dedicados ao futebol, caso Andarahy Athletic club (Azevedo, 2021) e do Villa Isabel Football Club (Silva; Melo, 2022). Havia também um clube dedicado à prática Tennis fundado na Tijuca em 1915, o Tijuca Tennis Club (Melo, Silva, 2021), sem contar o já tradicional América Football Club, fundado em 1904 no bairro da Saúde, mas que em 1911 transferiu-se para a Tijuca, entre outras inúmeras agremiações.

Não existem muitas informações disponíveis sobre o Grajahú Football Club, talvez, pelo fato de não ter sido longa a sua existência em um bairro pouco populoso àquela altura (anos 1920), mas que aos poucos vinha ganhando contornos mais urbanos e configurando-se como um lugar de elite na zona norte da cidade do Rio de Janeiro (Cardoso, 1989).

Em 1925, contudo, em uma “bela casa edificada em centro do terreno, contendo duas salas, três quartos, uma copa, cozinha com fogão a gás, banheiro com aquecedor etc., terreno medindo 11x33 na aprazível rua Grajahú n. 40”, de posse do Intendente do Conselho Municipal, o sr. Baptista Pereira, (Jornal Do Brasil, 1925, p. 24.), foi eleito com uma “estrondosa salva de palmas” o “dr. Edmundo Silva Junior” (O Brasil, 1925, p. 6), engenheiro, residente na rua Grajahú 56 (Almanak Laemmert, 1900, p. 665).

No primeiro ano de funcionamento do Grajahú os jornais noticiavam a realização de festas que ocorriam “até tarde da noite”, quando eram praticados os esportes e as danças que envolviam os moradores do bairro (O Jornal, 1925, p. 13).

Em 1926 o clube adquiriu suas primeiras instalações no bairro por um sistema de cotas que foram rapidamente cobertas por sócios proprietários na antiga rua Maquiné

119 (O Imparcial, 1926, p. 8). Tratava-se de um vastíssimo terreno de 3.200m² em que poderiam ser construídas até 3 quadras de tênis, sendo que uma estava pronta para uso, uma quadra de basquete e um ringue de patinação (O Imparcial, 1926, p. 8).

A sede social ficava em um lindo, confortável e higiênico edifício que seguia um plano artístico pitoresco com a sua “linda varanda envernizada pendentes das traves corbeilles de flores e festões (...)”, “tomando mais de 2/3 da casa está lançado ao centro do edifício o salão de bailes e assembléas e conferencias de beleza inconfundível, com rico assoalho todo desenhado artisticamente”. “Fazendo moldura, ao extremo do salão está a copa e cozinha (de um lado), do outro lado o vestiário, a secretaria, a sala de espera e etc” (O Jornal, 1926, p. 8).

Figura 5: Aspecto da sede social do Grajahú Tennis Club



Fonte: O Jornal, 1926, p. 9.

Foi com uma estrondosa festa que o Grajaú comemorou seu primeiro ano de existência. Seus salões andavam repletos para a solenidade que contou com a palavra do Presidente Edmundo Silva Junior, uma partida de basquetebol com o Helênico Football Club, uma agremiação do Rio Comprido, vencida pelo aniversariante que ficou com

uma linda taça, seguida por animadas danças que duraram até às primeiras horas da manhã (O Jornal, 1926, p. 8).

Em meios a inúmeras atividades esportivas e sociais em 1926, o clube também promoveu a política para beneficiar o bairro, quando em uma assembleia manifestou seu apoio ao prefeito da cidade, à época, Antônio Prado Junior, alinhado ao governo federal de Whashington Luiz, pela instalação da luz elétrica na rua Maquiné, onde ficava sua sede (A Manhã, 1926).

O “Dr. Diogo Xerez”, advogado, que havia sido 1º secretário da gestão de Edmundo Silva Junior, era o Presidente do clube em 1927 (Vida Doméstica, 1927), quando a sua vida social e esportiva continuava intensa. Os bailes à fantasia eram muito comuns (Revista da Semana, 1927), assim como os treinos e jogos de basquetebol (A Manhã, 1927a), jogos de voleibol e campeonatos de damas, ping-pong (O Imparcial, 1927), sem contar os investimentos seguidos nas instalações, como no caso da preparação técnica das quadras de tênis e dos aparelhos de ginástica (A Manhã, 1927b).

Nas comemorações do 2º ano de existência do clube, uma animada Jazz-band movimentou os seus salões. Até mesmo uma eleição para escolher a rainha da festa foi realizada, sendo congratulada como 1º lugar a gentil senhorita Vera Rutowstich pelos jurados, o Comandante da Escola Naval Romeu Bastos e o conhecido advogado Candido de Oliveira (Vida Doméstica, 1927).

O clube teve uma rápida ascensão, era um dos mais conceituados do Rio de Janeiro, o representante “azul e branco da Copacabana Moderna” (A Manhã, 1927c, p. 5). As festas eram concorridas, no carnaval de 1928 foram seguidas as comemorações nas suas dependências (Correio Da Manhã, 1928). Inúmeras outras ocorreram no ano seguinte (Correio Da Manhã, 1929a).

Por isso a preocupação frequente com as dependências do clube, inclusive, o seu calendário esportivo chegou a ser interrompido em função de obras na sede social (A Manhã, 1928) e de reformas em sua quadra de basquetebol (A Noite, 1929). Até mesmo nas sessões de cinema existia a preocupação de oferecer as melhores e mais confortáveis acomodações para os associados (Jornal Do Commercio, 1929).

No basquetebol rivalizava com o tradicional Villa Isabel Football Club (Jornal Do Commercio, 1928). Em uma partida com o Clube de Regatas do Flamengo nas dependências do rubro-negro sagrou-se vencedor diante da grande presença de público (Correio Da Manhã, 1929b). O voleibol era uma modalidade feminina que tradicionalmente rivalizava com o América Footbal Club e o Tijuca Tennis Club, ambos clubes da Tijuca (Correio Da Manhã, 1929c).

Era frequente também a prática do Ping-Pong. disputava o campeonato da Liga Carioca da modalidade (Gazeta De Notícias, 1928) em que foi premiado pela sua participação vitoriosa (Correio Da Manhã, 1928). No Tennis, uma modalidade ainda restrita à certos praticantes, normalmente em agremiações de elite da cidade, caso do Tijuca Teenis Club, já era tradicional e concorrido torneio interno do Grajaú (Correio Da Manhã, 1929c).

Uma homenagem ocorreu no carnaval em 1930 que reconhecia os feitos do Grajahú Tennis Club, tratava-se de um “Samba de Elite” dedicado aos seus associados, com letra escrita por Dan Málio Carneiro e música de José Francisco de Freitas, ambos respeitados artistas que tinham participação em composições de Ismael Silva e Francisco Alves, representantes destacados da música brasileira (Diário Carioca, 1930, p. 5).

Inúmeros congêneres convidavam o Grajahú para a realização de partidas amistosas, por essa razão, os treinos de tênis, voleibol e basquetebol dos departamentos femininos e masculinos agitavam o cotidiano do clube (A Noite, 1930a) que era sim “o recanto predilecto das famílias do bairro que ali encontram momentos agradáveis de um convívio social-espiritual e esportivo (...)”. Fruto de uma joia acessível ao enquadramento social (de elite) dos associados no valor de 20\$000 (Jornal Do Commercio, 1930).

Uma vocação era propagada: “(...) fomentar a cultura physica para ambos os sexos, porém, mais intensivamente, a parte feminina (...). Como são as jovens de hoje, vividas para os esportes como uma substância necessária ao organismo e ao apuro da raça”. Algo muito similar a identidade do bairro, “a cidade moça”, por sua graça “primaveril” e “sorridente”. “Fica circundada por verdejantes colinas, onde uma temperatura amena faz-nos esquecer o centro vertiginoso e desenfreado, perturbador dos nervos” (O Que Há, 1930, p. 56).

O Presidente do clube em 1930 era José Mirilli, residente no bairro, um subdiretor da Credit Foncier du Bresil (A Noite, 1924), um dos bancos responsáveis por financiar aquele empreendimento imobiliário que recentemente prosperava. A agremiação também prosperava, conforme podemos depreender do relato entusiasmado de um cronista:

A Fidalga agremiação que reúne em seu seio, numeroso e escolhido número de pessoas de nossa melhor sociedade. Iniciado com vulgar inthusiamo por um grupo de sportmen, do bairro do Andarahy, teve a princípio apenas a dansa como elemento de animação do seu quadro social. Aos poucos também foram sendo executados outras partes do seu programa. E assim veio primeiramente o tennis, depois o basket, o volley a peteca e outras modalidades especificadamente sportivas (A Batalha, 1930, p. 5).

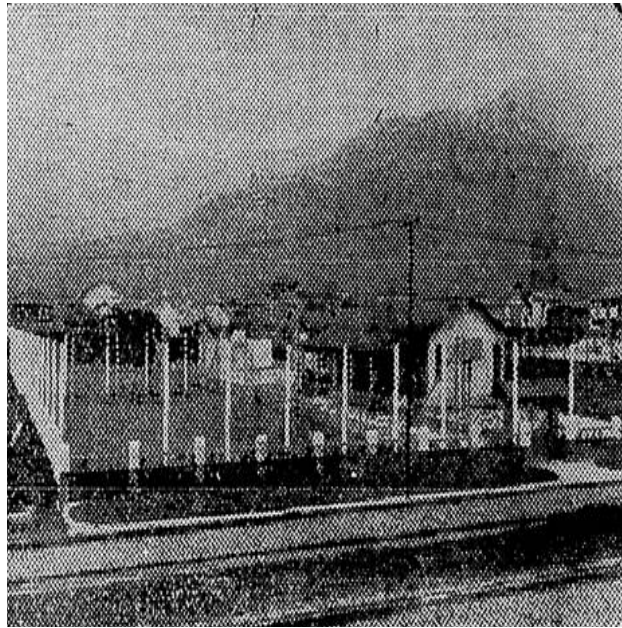
Começaria naquele ano a participação do Grajahú Tennis no atletismo, não por acaso, na disputa da “Taça Brasimovis” promovida pela Companhia Brasileira de

Imóveis e Construções (A Noite, 1930a, p. 8). Do mesmo modo, envolvido com o empreendimento imobiliário no bairro, na sede do clube foi realizada “um grande festival em benefício da construção da futura igreja que será levantada em honra de N. Senhora do Perpetuo socorro (...)”, além de um edifício para receber “duas escolas destinadas às crianças de ambos os sexos residentes em Grajahú e zonas próximas” (Correio Da Manhã, 1930a, p. 11).

Os laços entre o clube e o bairro estavam ainda mais estreitos durante as comemorações do “5º aniversário do novel centro social que reúne a selecta sociedade do referido bairro (...) que surgia em outro onde outras associações sportivas e sociaes já possuíam uma certa tradição” (A Noite, 1930b, p. 8).

Havia uma dinâmica administrativa que potencializava as ações do clube, aos associados perfazia uma “disciplina”, à diretoria uma “divisão das responsabilidades”, sua receita era “lisonjeira” e o quadro social crescia significativamente “graças á inteligetnte propaganda pessoal entre os componentes da elite social grajauense”. Os “melhoramentos materiais” na sede social e nos equipamentos esportivos também ocorriam (O Jornal, 1931, p. 11).

Figura 6: A Sede do Grajahú Tennis Club com vistas das quadras de tennis, basquete e volei



Fonte: O Jornal, 1931.

Em 1931 o presidente era novamente José Mirilli. O dr. Mario de Moraes Paiva, funcionário do Tribunal de Contas exercia a função de vice-presidente no clube e havia sido nomeado Secretário Geral da Polícia em 1930 pelo dr. Baptista Lusardo, Chefe de Polícia (Correio Da Manhã, 1930b), talvez por isso, como forma de estreitamento de laços, este tenha sido convidado para visitar a sede do Grajahú Tennis Club, “(...) sendo recebido festivamente pela directoria e por vários sócios da brilhante sociedade recreativa” (A Noite, 1931, p. 7).

Em uma noite de artes, foram inúmeras as personalidades que frequentaram os salões do clube, entre eles Lamartine Babo, renomado artista da música brasileira que chegou mesmo a ser homenageado (A Noite, 1931a). Foram também homenageados, os atletas brasileiros participantes do campeonato sul-americano de atletismo, algumas provas seriam realizadas e as danças abrihantariam os salões do clube (A Noite, 1931b), bem como um Pico-nic foi organizado na pitoresca ilha de Paquetá, na Baía de

Guanabara, entre os associados do clube e do Fluminense Football Club (A Noite, 1931c).

Nos esportes, uma novidade. Para além das modalidades corriqueiras no clube, o tênis, o basquetebol, voleibol e atletismo, o “football em miniatura” ou o “Football Celotex” (o que atualmente denominamos de “jogo de botões”), ganhava também adeptos (Diário De Notícias, 1931).

No basquetebol o clube aderiu em 1932 à iniciativa pela autonomia da modalidade em relação à Associação Metropolitana de Esportes Atléticos. Jayme Chacon, importante entusiasta da bola ao cesto, que figurou nos quadros do Vasco da Gama, era o representante do Grajahú Tennis Club na iniciativa que tinha como objetivo a criação de uma liga para o basquete na cidade do Rio de Janeiro (A Batalha, 1932).

A dinâmica social do clube era movimentada. Danças, a festa de eleição para a Rainha do clube, festivais de artes organizados pelo seu diretor, o “Dr. Saint-Clair Senna”, experimentado artista da música brasileira, tinham repercussão na imprensa (Diário Carioca, 1932) e até mesmo ações beneficentes, como o “Natal das Crianças Pobres” com “farta distribuição de roupas, brinquedos, alimentos (...)” eram realizadas (Jornal Do Brasil, 1932, p. 16).

No tênis, o clube pleiteava uma vaga na 1ª divisão do campeonato organizado pela Federação da cidade há pouco fundada, seu novo diretor da modalidade, o “Sr. Paschoal Ferroni, director da Associação Brasileira de Imprensa”, alegava que os critérios estabelecidos para o posicionamento dos clubes eram justos, “mão não de absoluta justiça” (A Noite, 1932a, p. 12).

Por isso mesmo recebeu na sede, por intermédio do Presidente José Mirilli, uma comitiva da Federação carioca do “esporte da raquete”, cujas impressões sobre as condições materiais oferecidas pelo clube foram as melhores possíveis (A Noite, 1932b).

Essa, as condições materiais de sua sede (produção do espaço), inclusive eram uma preocupação constante, reformas ocorriam e mesmo a ampliação do espaço para construção de novos equipamentos esportivos e sociais estava na pauta de uma assembleia, quando foi decidido pela compra de mais um terreno (A Batalha, 1932), que posteriormente seriam revendidos aos sócios proprietários no sistema de cotas que o Clube adotava sobre espaço negociado (Jornal Do Brasil, 1932).

Os sócios proprietários e fundadores cumpriam funções destacadas na sociedade carioca, caso do “conceituado industrial sr. Joaquim de Oliveira” que comemorou a festa de aniversário de sua filha nas dependências do clube (O Radical, 1933a, p. 3) e do vice-presidente o dr. Mário de Moraes Paiva que à época, além de deputado, ocupava a função de diretor geral de contabilidade do Ministério do Trabalho e da Indústria (Diário Da Noite, 1933a).

Durante uma visita do interventor do Rio de Janeiro, Distrito Federal à época, Pedro Ernesto, ao bairro do Grajaú, coube ao clube a recepção de gala em sua sede, uma vez que melhoramentos no bairro, como por exemplo, o ajardinamento da recém-construída praça Edmundo Rêgo, estavam em negociação junto ao executivo (O Radical, 1933b, p. 12). Mais uma festa nas dependências do clube para a arrecadação de fundos visando a edificação da “egreja de N. S. do Perpétuo Socorro” era outro indicador de uma função catalizadora que o clube cumpria no espaço do bairro (A Noite, 1933).

Em 1933, seguindo sua experiência esportiva, o clube integrou a fundação da Liga Carioca de Basquetebol (Diário Da Noite, 1933b), quando foi campeão do torneio início da cidade (Diário Da Noite, 1933c) e recebeu elogios do respeitado Tijuca Tennis Club: “aos bravos e cavalheirescos basketballers grajahuenses que se sabem impor pelo jogo leal e autentico, dando á cidade um exemplo cada vez mais necessário do verdadeiro espirito desportivo e da competição essencialmente technica” (Diário De Notícias, 1933).

Apesar disso, os esportes são imprevisíveis e muitas vezes transparecem graves problemas de natureza social, mesmo em um clube de elite, caso do Grajahú, como o ocorrido com José Paladino, atleta do clube, em um entreviro com a arbitragem em uma partida, quando foi punido pela liga carioca de basquete (Correio Da Manhã, 1933). Até mesmo uma briga entre torcedores e arbitragem de outra partida que chegou a ser interrompida ocorreu contra o Vasco da Gama (Diário Da Noite, 1933d). Ao fim da temporada em que Flamengo sagrou-se o campeão, coube o 7º lugar ao Grajahú Tennis Club (Correio Da Manhã, 1934a).

Na temporada seguinte disputaria o 1º campeonato da 2ª divisão da Liga Carioca de Basquetebol (A Noite, 1934b), quando chegou até a fase final do torneio e Jayme Chacon, atleta da esquadra celeste, disputou o primeiro campeonato da Liga Brasileira de Basquetebol (A Noite, 1934c).

No torneio interclubes da Federação de Tennis do Rio de Janeiro, o Grajahú disputaria a divisão intermediária, atendendo, por conseguinte todas as exigências materiais daquela liga (O Jornal, 1934a), ao todo foram 51 partidas realizadas pelos seus atletas, com destaque, novamente para Jayme Chacon, que também ocupava a função de diretor geral de esporte do clube (Correio Da Manhã, 1935a).

O conselho deliberativo, formado por sócios proprietários e fundadores, delegou a José Mirilli “plenos poderes” para escolher a sua diretoria que reuniu figuras de destaque na sociedade carioca (O Jornal, 1934b). A fim de “intensificar o intercâmbio entre o querido grêmio e a família grajahuense”, essa nova diretoria criou uma comissão para visitá-los em suas residências (Correio Da Manhã, 1934b, p. 11).

Fruto de todo um trabalho pedagógico, nas comemorações de aniversário do clube, dada ao número crescente de associados, foi realizada a “Semana Grajahunse”, que contaria com um “grandioso baile”, realizado em sua “quadra de basquete que seria transformada em um grande jardim” (A Noite, 1934d, p. 8).

Em nova visita do interventor do distrito federal Pedro Ernesto para acompanhar as obras de ajardinamento da praça Edmundo Rêgo no bairro, a sede do Grajahú Tennis Club serviu como dependência para a realização de um afamado coquetel (A Noite, 1934a). Logo foi declarado com um espaço de utilidade pública por decreto 5.116 de 18 de agosto de 1934, assinado pelo mesmo Interventor (O Jornal, 1934c)

Em claro processo de afirmação no bairro, novamente o clube pautou em sua assembleia a aquisição de outro terreno, além da compra definitiva do espaço onde foi edificada a sua sede, elegendo uma comissão para detalhar um planejamento financeiro (Correio Da Manhã, 1934c).

Talvez por necessidades pecuniárias, conforme sugestionado por um cronista, o Grajahú em 1935, não participou dos certames organizados pela Federação de Tênis da cidade, internamente havia um entrevero sobre essa decisão, mas de fato, o basquetebol rendia dividendos ao clube, dada à presença maior de público em suas dependências (Correio Da Manhã, 1935a). Mesmo outras práticas sociais, caso do cinema, eram utilizados com a finalidade de arrecadação de fundos (Correio Da Manhã, 1935b).

Em nova eleição realizada pelo Conselho Deliberativo foi designado como Presidente o deputado Mario de Moraes Paiva, que ao longo de 10 anos de existência da agremiação havia prestado estimados serviços (Correio Da Manhã, 1935e).

Havia um investimento (porque não pedagógico) na aproximação com o público infantil, por essa razão, o clube chegou a criar um departamento infantil, sob a batuta da “sra. Dora Motta”, um grupo de escoteiros e um baile dedicado às crianças. Até mesmo um parque infantil estava previsto na reforma da sede do “glorioso clube” que passava por um “grande surto de progresso” e aumento de seu “quadro social”.

O clube era sim um ponto de sociabilidade no bairro, quando serviu como ponto de encontro para a reunião do “Comitê Melhoramentos e Propaganda do Grajahú” com o objetivo de organizar as comemorações do “Dia do bairro do Grajahú” que transcorreram com grande animação, contando com uma alvorada em que se ouviu uma “salva de 21 tiros”, “missa campal”, “programas musicais”, “queima de fogos de artificios” e um “baile” realizado na sede social do Grajahú Tennis Club (Correio Da Manhã, 1936a, p. 6).

Figura 7: Aspecto das comemorações do “Dia do bairro do Grajahú” em 1936



Fonte: O Jornal, 1936.

O Presidente do referido (acima) comitê era o jornalista Djalma Nunes, associado do clube, que naquele ano passou a cumprir a função de tesoureiro geral do

Grajahú Tennis Club, em virtude da renúncia do Dr. Vicente Faria de Coelho, um renomado advogado. Dizia ele que o “(...) comitê já deu ao bairro uma linda praça, melhor distribuição de água, ruas arborizadas, limpeza, esgoto, enfim uma série de melhoramentos. Agora espero fazer pelo progresso do Grajahú o que tenho feito pelo bairro, com o auxílio dos moradores (...)” (Correio Da Manhã, 1936b, p. 10).

Djalma Nunes projetava as principais mudanças no clube, primeiramente a resolução da aquisição do terreno ao lado do clube, com o objetivo de ampliação do espaço, o que facilmente foi resolvido dada “a boa vontade do Engenheiro Richard”, dono do terreno e que à época de edificação do bairro Grajahú exerceu significativa influência na Companhia Brasileira de Imóveis de Construções.

Em segundo, era necessário regularizar a situação do espaço onde ficava a sede do clube que havia sido adquirida “por um grupo de abnegados, com a denominação de Associação Grajahú, cuja escriptura ainda não se havia passado”, associados como Diogo Xerez, o Comandante Romeu Braga, o Dr. Jayme Praça, entre outros tiveram presteza naquela solução que seria vantajosa para o clube e para o bairro.

A nova séde do Grajahú Tennis Club será construída numa área de 75 metros de frente e dividida em duas alas. A da esquerda ficará a sede do clube com três ótimos andares e terraço e a ala direita será dividida em apartamentos, cuja renda dará perfeitamente para amortizar a operação de crédito já prevista sem ser preciso o clube dispender um vintém. No lado do club serão instalados: no pavimento térreo – bilhares, salão de barbeiro, ping-pong, salão de leitura, chapelaria, etc.. Nos três andares ainda pertencentes ao club, três optimos salões de bailes, biblioteca, salão de palestras e modas para as senhoras, salão de fumar, secretaria, salão do conselho deliberativo, salão para poker, xadrez, etc.. No terraço terão logar os bailes em noites quentes, domingueiras e gymnasticas. Todo o terraço terá mesas de vime com chapéus de sol de praia. A praça de sports ficará em baixo e terá: dois courts de tennis, gymnásio coberto, rink de patinação, banheiros. Ao fundo será então construída a grande piscina com vinte metros de larguras e cinquenta de fundos, imitando o mais possível uma praia, ao lado direito um pequeno recreio para as creanças, com balanços, escorregas etc. Tudo está orçado em 1.100:000\$000 (Correio Da Manhã, 1937a, p. 12).

Figura 8: A sede do Grajahú em 1950 com as suas quadras de tênis (setas brancas), ginásio descoberto (seta vermelha), piscina (seta preta) e sede social (seta amarela)



Fonte: Brasiliana, 1950.

Os ventos do progresso chegavam ao esporte e sinalizavam que as escolhas do passado recente haviam sido corretas, quando o clube resolveu não mais participar dos certames da Federação de Tennis do Rio de Janeiro, dada a prioridade ao basquetebol. Disputou uma difícil partida com Huracán, um clube argentino, em suas dependências que contou com grande assistência (O Jornal, 1936).

No campeonato da liga carioca da bola ao cesto de 1936, pela primeira vez, o clube sagrou-se o campeão em uma disputa final (melhor de três partidas) com Riachuelo Tennis Club, que muito foi celebrada pelos associados e moradores do bairro (Correio Da Manhã, 1936d).

Tais resultados eram reflexo da participação do Diretor do Departamento de Basquete do Grajahú Tennis Club, Luiz Soares Filho, um “grande esteio da Liga Carioca de Basketball, era tido como um dos “melhores auxiliares do sr. Fred Bronw no preparo dos scrathmen da entidade e do Grajahú Tennis Club” (O Jornal, 1936b, p. 2).

Também estavam relacionados à astúcia de Jayme Chacon, “o verdadeiro preparador da equipe” e o “incentivo da torcida que muito auxiliou a devotada rapaziada do Grajahú” (A Batalha, 1937, p. 7).

No tênis o clube seguia na mesma situação do ano anterior. Não participaria dos certames da liga carioca, o que mereceu uma cobrança de um cronista que argumentava que o clube não era um “balcão comercial” e sim um clube com grande “projeção social” (Correio Da Manhã, 1937b, p. 10), logo rebatida pelo Presidente do clube, José Mirilli, em substituição ao “ocupadíssimo” dr. Mario de Moraes Paiva, que assumia sim a existência de duas partes no clube sobre os rumos do tênis, os amadores e os defensores do profissionalismo, o que foi solucionado tendo em conta a sua participação nos campeonatos seguintes da liga carioca (Correio Da Manhã, 1937c).

Mesmo o Basquetebol que recentemente havia conquistado o torneio da cidade também cooperava para o progresso do clube. Tinha-se a expectativa com as obras em curso da construção do “maior gymnásio de basketball da América do Sul” (Diário Carioca, 1938, p. 8). Entre animadas festas, concursos de miss, entre outros eventos sociais, o Grajahú buscava formas de acumular recursos. Chegou a planejar o aumento de 1.000 sócios em suas fileiras (Diário Carioca, 1938).

Tinha um espaço para edificar, um lugar de referência na sociabilidade esportiva e social do bairro que muito contribuiu com o seu desenvolvimento, o que correspondia às condições materiais das elites que ali estavam instaladas. A seguir passemos as considerações finais.

Considerações Finais

O artigo parte de uma problemática contemporânea, a perda de representatividade dos clubes de bairro do Rio de Janeiro. O Grajahú Tennis Club é só mais um exemplo dessa realidade que estudamos historicamente mediante a ideia de produção do espaço. Isto é, como o clube se instala no bairro, por meio da ação prática de seus associados, considerando o esporte e os eventos sociais.

Foram os periódicos disponíveis na hemeroteca da Biblioteca Nacional, organizados por meio de uma abordagem serial, que serviram como testemunhos e discursos produzidos para que percebêssemos a dimensão social do Grajahú no bairro.

Trata-se de um clube que foi fundado em 1925 por residentes da localidade de mesmo nome na zona norte da cidade que passava por um processo paulatino de urbanização, mediante o empreendimento da Companhia Brasileira de Imóveis e Construções, uma empresa financiada majoritariamente por capital de origem francesa que esperava lucrar com uma parcela da população carioca com certo poder de consumo e destaque social.

Logo o Grajahú adquiriu uma parcela do espaço no bairro, tendo em conta a atuação de seus sócios proprietários e começou a desempenhar suas atividades esportivas e sociais. Foi um clube que durante os seus primeiros anos esteve comprometido com o desenvolvimento local, servido como referência de sociabilidade para os moradores e mesmo como um catalizador de diferentes ações que tinha como objetivo os melhoramentos do bairro.

Seus sócios eram sim pessoas com certo destaque social, o que facilitava o trânsito do clube pelas elites cidadinas e as negociações que envolviam a sua própria instalação naquele espaço urbano. Chegou a ser alcunhado como o “azul e branco da

Copacabana moderna”, tamanha sua representatividade e o renome do bairro que começava a surgir no Rio de Janeiro com características bastante particulares.

Em um dado momento, em função de suas aspirações materiais fez a opção por uma modalidade mais lucrativa, o basquetebol, em relação àquela outra ligada à sua origem, o tênis. Chegou em 1936 a ser campeão carioca de basquetebol, com destaque para o seu corpo técnico. Queria também ter uma sede social à altura do bairro que tivesse inúmeros equipamentos esportivos e sociais para continuar como um centro de referência. O fato de seus sócios serem parte da elite local foi sim um facilitador na aquisição do espaço em 1937.

Foram as condições materiais, as pessoas que desenvolviam as suas práticas no espaço urbano que colocaram o Grajahú em destaque na cidade. Sua história continuou. Aberto até os dias atuais no bairro do Grajaú, quando completa 100 anos, ainda cumpre funções esportivas e sociais, mas tem nítida dificuldade de manutenção do seu espaço, conforme evidencia a problemática cujo artigo tem como ponto de partida. Seriam as elites, portanto, uma força produtiva a ser considerada nas dinâmicas dos clubes nos bairros? Acreditamos que sim e no potencial heurístico dessa variável na compreensão do papel social na cidade dos clubes esportivos.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987.

AZEVEDO, J. P. M. Andarahy Athletico Club: trajetória de um espaço esportivo na cidade do Rio de Janeiro (1913-1949). **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/44509> Acesso em 05 ago. 2025.

BARROS, J. D. **O Campo da História**: especialidades e abordagens. Petrópolis – RJ: Vozes, 2004.

BRASILIANA. Escola de Aeronáutica. **Grajahú Tênis Clube**. 1950. Disponível em <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/11756> Acesso em 05 ago. 2025.

CARDOSO, E. D. O capital imobiliário e a produção de espaços diferenciados no rio de janeiro: o Grajau. **R. bras. Geogr.**, Rio de Janeiro, v.51, n.111, p.89-102, jan./mar. 1989. Disponível em: <https://170.84.43.102/index.php/rbg/article/view/1082> Acesso em 24 jan. 2025.

LEFEBVRE, H. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.

MAURO, F. As empresas francesas e o financiamento da industrialização do Brasil. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 19, n. 3, p. 485–495, jul. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/LvpKqBWxnQ8RJfkjZ9rHjvN/> Acesso em: 24 jan. 2025.

MELO, V. A. DE. Educação, civilização, entretenimento: o Tivoli - um parque de diversão no Rio de Janeiro do século XIX (1846-1848). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 20, p. e114, 2020.

MELO, V. A. Ilha do Governador: Agremiações Esportivas e a Produção do Espaço (1919-1962). **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 22, n. 82, p. 154–172, 2021a. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/55858>. Acesso em: 9 dez. 2024.

MELO, V. A. Para o bairro, para o subúrbio, para a nação: a experiência náutica do Olaria Atlético Clube (Rio de Janeiro, 1915-1930). **Tempo**, v. 27, n. 3, p. 561–584, set. 2021b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/JV5CqTMKk98Pp6bRVqBmDQr/?lang=pt>. Acesso em: 9 dez. 2024.

MELO, V. A. **Quando a Lagoa era subúrbio**: os clubes náuticos, a produção do espaço e o processo de gentrificação. Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 2022.

MELO, V. A. Uma geografia do esporte: as experiências dos clubes de iatismo da Zona da Leopoldina (Rio de Janeiro, 1941-1954). **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, Brasil, v. 24, n. 1, p. 83–103, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/163185>. Acesso em: 9 dez. 2024.

MELO, V. A.; SANTOS, J. M. C. **A Barra da Tijuca, os clubes recreativos e o processo de urbanização**. Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 2021.

MELO, V.; SILVA, B. Ajustando estratégias: a experiência com o basquetebol no Sport Club Mackenzie (Rio de Janeiro, 1924-1941). **Cadernos de História**, v. 22, n. 37, p. 127-143, 30 nov. 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/24994>. Acesso em: 9 dez. 2024.

SALES, G. P. DA S.; BRITO, M. R. DE.; GUEDES-BRUNI, R. R.. “Éden Fluminense:” from a reforestation area on the Tijuca massif to a Europeanized public

space in Rio de Janeiro in the latter half of the nineteenth century. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 31, p. e2024039, 2024. Disponível em: <https://170.84.43.102/index.php/rbg/article/view/1082> Acesso em 24 jan. 2025.

SANTOS, J. M. C. M. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). Tese (Doutorado em História). São Paulo: USP, 2010.

SANTOS, Milton. **Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHMID, Christian. A Teoria da Produção do Espaço de Henri Lefebvre: em Direção a uma Dialética Tridimensional. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, Brasil, v. 16, n. 3, p. 89–109, 2012. Disponível em: <https://revistas.usp.br/geousp/article/view/74284>. Acesso em: 9 dez. 2024.

SILVA, B. **Um bairro, um esporte, uma Agremiação**: o Tijuca Tênis Clube (1915-1931). Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 2022.

SILVA, B.; MELO, V. **“Pequeno, mas de grandes iniciativas”**: o Vila Isabel Futebol Clube. Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 2022.

Fontes Primárias

A Batalha, Rio de Janeiro, 05 mar. 1932, p. 07.

A Batalha, Rio de Janeiro, 05 set. 1930, p. 05.

A Batalha, Rio de Janeiro, 1 jan. 1937, p. 7.

A Batalha, Rio de Janeiro, 26 fev. 1932, p. 07.

A Manhã, Rio de Janeiro, 06 mar. 1927a, p. 03.

A manhã, Rio de Janeiro, 09 dez. 1927c, p. 05.

A manhã, Rio de Janeiro, 09 nov. 1927, p. 06.

A Manhã, Rio de Janeiro, 14 nov. 1928, p. 07.

A Manhã, Rio de Janeiro, 17 jun. 1927b, p. 05.

A Noite, Rio de Janeiro, 03 jul. 1930a, p. 8.

A Noite, Rio de Janeiro, 03 out. 1934d, p. 8.

A Noite, Rio de Janeiro, 08 mar. 1929, p. 07.

A Noite, Rio de Janeiro, 08 nov. 1930b, p. 10.

A Noite, Rio de Janeiro, 10 ago. 1934b, p. 2.

A Noite, Rio de Janeiro, 10 dez. 1924, p. 6.

A Noite, Rio de Janeiro, 14 jun. 1932b, p. 09.

A Noite, Rio de Janeiro, 15 jun. 1931a, p. 7.

A Noite, Rio de Janeiro, 16 jan. 1929, p. 07.

A Noite, Rio de Janeiro, 16 jun. 1931c, p. 07.

A Noite, Rio de Janeiro, 24 jul. 1934a, p. 10.

A Noite, Rio de Janeiro, 24 mai. 1933, p. 12.

A Noite, Rio de Janeiro, 26 mar. 1932a, p. 12.

A Noite, Rio de Janeiro, 8 nov. 1934c, p. 7.

A Noite, Rio de Janeiro, 11 mai. 1931b, p. 11.

Almanak Laemmert: administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1900, p. 665).

Careta, Rio de Janeiro, 21 fev. 1925, p. 28.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 03 jan. 1934c, p. 10.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 04 abr. 1929a, p. 08.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 04 out. 1930a, p. 11.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 08 out. 1929b, p. 10.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 10 abr. 1938, p. 7.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 10 jan. 1929d, p. 10.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 13 dez. 1928, p. 10.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 15 fev. 1928, p. 08.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 17 fev. 1937a, p. 10.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 17 set. 1929c, p. 10.

- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 18 mar., 1902, p. 3.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 19 fev. 1937b, p. 12.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 19 out. 1936c, p. 11.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1930b, 19 nov. p. 1.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 22 dez. 1935e, p. 17.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 22 nov. 1933, p. 10.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 23 jan. 1933, p. 10.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 25 abr. 1935a, p. 10.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 25 out. 1935b, p. 12.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 26 mai. 1936a, p. 6.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 26 out. 1936b, p. 10.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 27 abr. 1921, p. 05.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 27 set. 1935d, p. 12.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 28 jul. 1934b, 11.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 29 nov. 1934a, p. 11.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 31 dez. 1936d, p. 10.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 6 ago. 1937c, p. 10.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 9 jan. 1937d, p. 12.
- Diário Carioca, Rio de Janeiro, 13 fev. 1938, p. 8.
- Diário Carioca, Rio de Janeiro, 18 nov. 1932, p. 02.
- Diário Carioca, Rio de Janeiro, 26 fev. 1930, p. 05.
- Diário da Noite, Rio de Janeiro, 18 ago. 1933d, p. 07.
- Diário da Noite, Rio de Janeiro, 27 set. 1933a, p. 05.
- Diário da Noite, Rio de Janeiro, 28 jun. 1933c, p. 08.

Diário da Noite. Rio de Janeiro, 26 jul. 1933b, p. 07.

Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 11 out. 1933, p. 9.

Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 29 abr. 1931, p. 14.

GARRIGA, Antônio José Fausto. Planta da cidade do Rio de Janeiro e subúrbios. Rio de Janeiro, RJ: Lith. do Imperial Instituto Artístico, 1875.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 jan. 1925, p. 24.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 23 dez. 1932, p. 16.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 08 dez. 1929, p. 13.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 19 jun. 1930, p. 08.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 27 mar. 1928, p. 08.

O Brasil, Rio de Janeiro, 14 out. 1925, p. 06.

O Imparcial, Rio de Janeiro, 07 out. 1926, p. 08.

O Imparcial, Rio de Janeiro, 14 ago. 1927, p. 10.

O Jornal, Rio de Janeiro, 08 out. 1926, p. 32.

O Jornal, Rio de Janeiro, 17 out. 1931, p. 11.

O Jornal, Rio de Janeiro, 19 set. 1934c, p. 8.

O Jornal, Rio de Janeiro, 21 abr. 1936a, p. 2.

O Jornal, Rio de Janeiro, 23 mar. 1934a, p. 8.

O Jornal, Rio de Janeiro, 24 mar. 1936b, p. 3.

O Jornal, Rio de Janeiro, 26 mai. 1936c, p. 1.

O Jornal, Rio de Janeiro, 27 dez. 1925, p. 13.

O Jornal, Rio de Janeiro, 3 jun. 1934b, p. 8.

O Jornal, Rio de Janeiro, 31 mar. 1925, p. 8.

O Paiz, Rio de Janeiro, 1912, 8 abr., p. 1.

O Paiz, Rio de Janeiro, 5 dez. 1918, p. 8.

O Que Há, Rio de Janeiro, 15 mai. 1930, p. 56-57-58.

O Radical, Rio de Janeiro, 13 dez. 1933b, p. 07

O Radical. Rio de Janeiro, 01 ago. 1933a, p. 03.

RELATORIO / Ministério da Viação e Obras Públicas. [S.l.: s.n.]. Anual. 1911.

Revista da Semana, Rio de Janeiro, 05 mar. 1927, p. 14.

Revue Franco-Bresilienne. Rio de Janeiro: [s.n.], 1909.

Rio de Janeiro (Distrito Federal). Diretoria Geral de Obras e Viação. Planta da cidade do Rio de Janeiro: organizada na administração do prefeito general Bento Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: a Prefeitura, 1913.

Vida Doméstica, Rio de Janeiro, s/d. nov. 1927, p. 28.

Endereço do Autor:

Bruno Adriano Rodrigues Silva
Endereço eletrônico: b.adriano_rs@yahoo.com.br